

Brasil paga caro por medicina de ponta

CARLOS SCHERR

Em um momento em que o mundo inteiro analisa métodos de tratamento sob o enfoque custo/benefício, o nosso país ainda paga uma sobretaxa.

O dever do médico é avaliar o que é melhor para seu paciente e oferecer este tratamento indiscriminadamente para pobres e ricos, à luz do que a ciência tornou possível.

A alta tecnologia elevou os custos hospitalares e aumentou a segurança e a eficiência de alguns procedimentos. Na área cardiológica, os aparelhos de hemodinâmica, ecocardiografia, medicina nuclear, ressonância magnética etc., assim como nossos cateteres para angioplas-

tia, arterectomia, *stents* e muitos outros materiais permitem mais eficácia.

Mas para utilizar todo este arsenal a saúde brasileira ainda paga um *overprice* de importação. Como nestes casos não há similar nacional, paga-se imposto mais caro, em alguns itens, do que se se comprasse um carro importado. Não se pode compreender incentivos que não abrangam a saúde.

Vejam alguns exemplos: o *stent*, sistema muito utilizado atualmente para alguns casos de obstrução coronária, custa nos EUA US\$ 1.700, na Europa US\$ 1.500 e aqui oscila entre US\$ 3.500 a 4.900, um absurdo.

Equipamentos e materiais importados de uso obrigatório na medicina atual ficam quase pela metade do preço se não

forem taxados para entrar no país.

É preciso uma revisão cuidadosa da legislação para separar o que poderia ou não ser importado sem este ônus, pois evidentemente tecnologia estética, sem comprovação científica ou com meros fins lucrativos não deve ser tratada da mesma maneira. Por isso, câmaras técnicas devem ser criadas para opinarem sobre a validade de tratamentos baseados sempre na experiência dos profissionais qualificados dos hospitais públicos de referência, como são os casos da cardiologia do Incor, de São Paulo, e do Hospital de Cardiologia de Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

Se tratarmos melhor nossos pacientes e se a medicina preventiva for entendida por Governo e população como a real

medicina, os custos com a saúde de pobres e ricos serão muito menores.

Para se chegar à equação custo/benefício adequada, primeiro os valores precisam ser enxutos e as ações ajustadas à nossa realidade, à luz da ciência e não da falta de opção.

A adequação dos custos passa por comprar materiais adequados a preços justos, treinar profissionais para dar agilidade a diagnóstico e tratamento, evitar o desperdício e ações preventivas, principalmente em relação à doença coronariana, na qual já foi comprovada ser este tipo de ação o que mais diminui a mortalidade.

CARLOS SCHERR é diretor-geral do Hospital de Cardiologia de Laranjeiras.

O GLOBO

17 SET 1996

17 SET 1996